

## *O território religioso Vale do Amanhecer: um relato histórico, político e cultural*

*The religious territory of the Sunrise Valley: a cultural,  
political and cultural account*

*El territorio religioso Vale do Amanhecer: un relato  
histórico, político y cultural*

Muryel Moraes Arantes  
Universidade de Brasília  
muryel.arantes@gmail.com

---

### **Resumo**

O Vale do Amanhecer é uma doutrina religiosa que se consolidou em Planaltina-DF na década de 50, e é também o nome que se dá à ocupação urbana surgida a partir de tal doutrina no mesmo local. A intrínseca relação entre religião, espaço, e identidade, configura no Vale do Amanhecer a formação territorial que se apresenta neste artigo. Para buscar a compreensão deste território, adota-se o estudo de três dimensões, a saber: a espacial, a política e a cultural/simbólica. O desenvolvimento desta pesquisa evidenciou a necessidade de se ampliar os estudos inseridos na chamada Geografia da Religião para além dos estudos das manifestações católicas, tendo em vista o crescimento de outras religiões no Brasil. Além disso, reafirmou-se a importância das manifestações culturais, dentre elas as religiosas nas configurações espaciais urbanas.

**Palavras-chave:** Território Religioso. Planejamento Urbano. Vale do Amanhecer.

---

### **Abstract**

The Sunrise Valley is a religious doctrine which was consolidated in Planaltina, DF, in the 50s, and is also the name given to the urban settlement arising from such a doctrine in the same place. The close relationship between religion, space, and identity in the Sunrise Valley sets the territorial formation as presented in this article. In order to get an understanding of this issue, it was studied three dimensional elements to know: space, political and cultural/symbolic. The development of this research highlighted the need to broaden the studies in the domain of the Geography of Religion with a focus beyond the Catholic manifestations in view of the growth of other religions in Brazil. Furthermore, it was reaffirmed in this study the importance of cultural manifestations, among them the religious ones within the urban space settings.

**Keywords:** Religious Territory. Urban Planning. Sunrise Valley.

---

### Resumen

El Valle del Amanecer es una doctrina religiosa que se consolidó en Planaltina, DF, en los años 50, y es también el nombre dado a la ocupación urbana derivada de tal doctrina en el mismo lugar. La estrecha relación entre la religión, el espacio y la identidad en el Valle del Amanecer establece la formación territorial que se presenta en este artículo. Con el fin de obtener una comprensión de este tema, se estudió tres elementos dimensionales, a saber: espacio, política y cultura/símbolo. El desarrollo de esta investigación revela la necesidad de ampliarse los estudios en el campo de la Geografía de la Religión con un enfoque otro que no se centre exclusivamente en las manifestaciones católicas considerándose el crecimiento de otras religiones en Brasil. Además, se reafirmó en este estudio la importancia de las manifestaciones culturales, entre ellas las religiosas en la configuración del espacio urbano.

**Palabras clave:** Territorio Religioso. Planificación Urbana. Valle del Amanecer.

---

### Introdução

O Vale do Amanhecer é uma doutrina religiosa surgida na década de 50, no Distrito Federal (DF), a partir das práticas religiosas de Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva) na região. O atendimento espiritual e a realização de caridades favoreceram um estilo de vida em comunidade, agregando pessoas e transformando-se em estrutura urbanizada. Neste contexto, afirma-se uma conjuntura territorial legitimada por três dimensões, a saber: espacial, cultural e política. Tais dimensões são centralizadas pelas práticas religiosas da doutrina do amanhecer configurando assim um território religioso.

Além de religioso, este território é também alternativo por se originar de uma religião distinta da predominante no Brasil, que é a católica. A predominância do catolicismo no Brasil se reflete nos estudos de Zeny Rosendahl que se mostram primordiais para o esclarecimento sobre a relação entre Geografia e Religião. Entretanto, questiona-se sobre a representatividade das demais religiões existentes no Brasil. Quais seriam as configurações espaciais oriundas delas? E qual a abordagem geográfica possível de se realizar nesse sentido?

No âmbito da Geografia, o estudo das interações espaciais, decorrentes das práticas religiosas é interessante para responder a estes questionamentos. Dentre as interações espaciais possíveis, o processo de urbanização pode ser considerado representativo das espacialidades religiosas, pois apresenta uma relação intrínseca com a religião. As cidades trazem em sua paisagem, na sua história e também às suas margens a representatividade das religiões por meio dos símbolos religiosos e da organização espacial.

As pesquisas que compõem a geografia da religião ocupam-se da difusão e/ou distribuição da religião; delimitação de espaços/lugares sagrados e de como eles influenciam no deslocamento das pessoas. Nesta pesquisa, além de tais análises a preocupação é com os processos. Assim as informações sobre delimitação espacial e distribuição espacial são utilizadas para compreender o processo que levou a consolidação do Vale do Amanhecer como religião, como espaço urbanizado e conseqüentemente como se estabeleceu o território religioso.

O intuito é apresentar inicialmente a história do Vale do Amanhecer por meio da análise da trajetória socioespacial de Tia Neiva, em seguida aspectos referentes à urbanização do local, incluindo o contexto político, e por fim, a dimensão cultural/simbólica presente no território.

### Os caminhos que levam ao Vale do Amanhecer: trajetória socioespacial de Tia Neiva

O Vale do Amanhecer faz parte de um conjunto de religiões com baixa representatividade, mas que, apesar disso, tem aumentado nas mais variadas manifestações. Por outro lado, o catolicismo, ainda que considerado predominante, diminui. A Fundação Getúlio Vargas divulgou por meio do relatório: 'O Novo Mapa das Religiões', dados que comprovam esta realidade. De acordo com o referido estudo, em 1872 os católicos representavam 99,72% da população religiosa, em 1920 a porcentagem cai para 96,56% e chega a 68% em 2009 (figura 1). Em 2010 o número de católicos no Brasil continuou caindo, atingindo 64% da população (Censo, 2010).

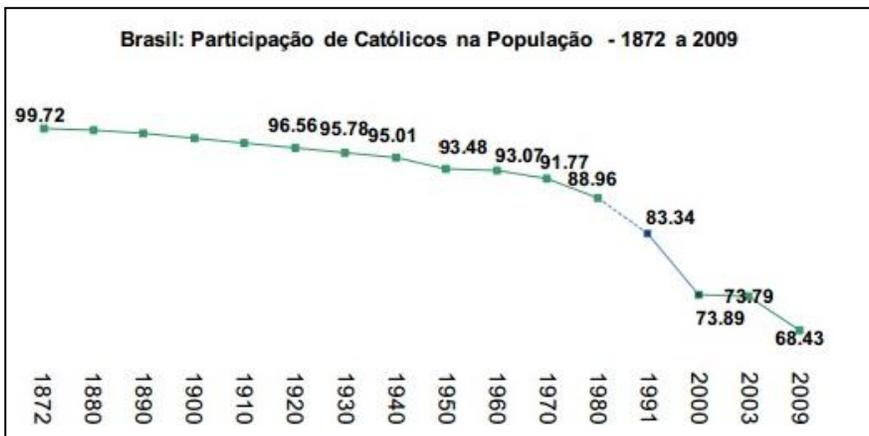


Figura 1: Queda do catolicismo no Brasil.

Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

A partir desses dados pode-se inferir que o catolicismo, apesar de estar em queda, vem predominando no Brasil ao longo do tempo. Essa hegemonia se reproduz nas várias esferas da sociedade, inclusive na formação das pessoas. Desde o ensino fundamental, conteúdos de história trazem o protagonismo cristão católico, incluídos no ensino de história. Consequência disso é que as instituições passam cumprir um papel protagonista na sociedade a partir da ação dos sujeitos, neste fato consiste a importância das lideranças religiosas.

Nesse sentido, afirma-se que para compreender as interações espaciais das religiões não predominantes, como é o caso do Vale do Amanhecer, torna-se necessário um estudo sobre a trajetória de suas lideranças, que diferentemente das dominantes, não estão postas claramente nas várias esferas sociais. Sendo assim, o primeiro passo para se compreender a representatividade de religiões alternativas é saber quais são seus líderes.

A compreensão do surgimento do Vale do Amanhecer como religião<sup>1</sup>, bem como da territorialidade advinda de suas práticas religiosas, está intrinsecamente ligada à história de vida de Tia Neiva que foi a fundadora do templo e é considerada, até hoje, a mentora espiritual da doutrina religiosa. Portanto torna-se necessária aqui uma nota sobre a vida e a trajetória socioespacial dessa líder espiritual que naturalmente culmina na formação do Vale do Amanhecer.

Os lugares vivenciados por Tia Neiva, bem como suas experiências sociais, fazem parte de um processo de formação territorial do Vale do Amanhecer. Esta afirmação é fundamentada no conceito de trajetória socioespacial trabalhado por Cirqueira (2010), que diz que:

Trajétoria socioespacial envolve a história de vida dos indivíduos, suas experiências dentro de uma temporalidade e uma espacialidade que não possuem uma constituição linear ou contínua. A importância da espacialidade se faz na medida em que as experiências não se dão no nada e, muitas das vezes, os lugares demarcam momentos e limites dessas trajetórias, firmando-se como referências experienciais simbólicas e materiais para o indivíduo (CERQUEIRA, 2010, p.43).

O referido autor, embasado em De Certeau (1984) e Bordieu (1996), enfatiza o papel da história de vida das pessoas para a concepção de trajetória socioespacial. O autor admite, no entanto, a ampliação do conceito de trajetória

---

<sup>1</sup> Neste estudo será adotado o termo 'religião' como fenômeno cultural que ocorre no espaço (ROSENDAHL, 1995). O uso deste termo é importante para estabelecer uma relação compreensível entre o referencial teórico, embasado nos estudos de Geografia da Religião, e o estudo de caso. Entretanto, ressalta-se que os seguidores de Tia Neiva não consideram o Vale do Amanhecer como religião, e sim uma doutrina.

socioespacial, incluindo a dimensão espacial, de acordo com a ideia de que o espaço é sim uma “forma material da sociedade” (SANTOS,1979 *apud* CIRQUEIRA, 2010, p.43).

De acordo com o referido arcabouço teórico, apresenta-se a seguir alguns aspectos da vida e dos lugares vivenciados por Tia Neiva e sua representação espacial cartográfica (figura 2). Para abordar os principais acontecimentos da vida de Tia Neiva consideraram-se os levantamentos de Reis (2008), e também o conteúdo de entrevistas realizadas com familiares da líder espiritual, moradores do Vale do Amanhecer e adeptos da religião.

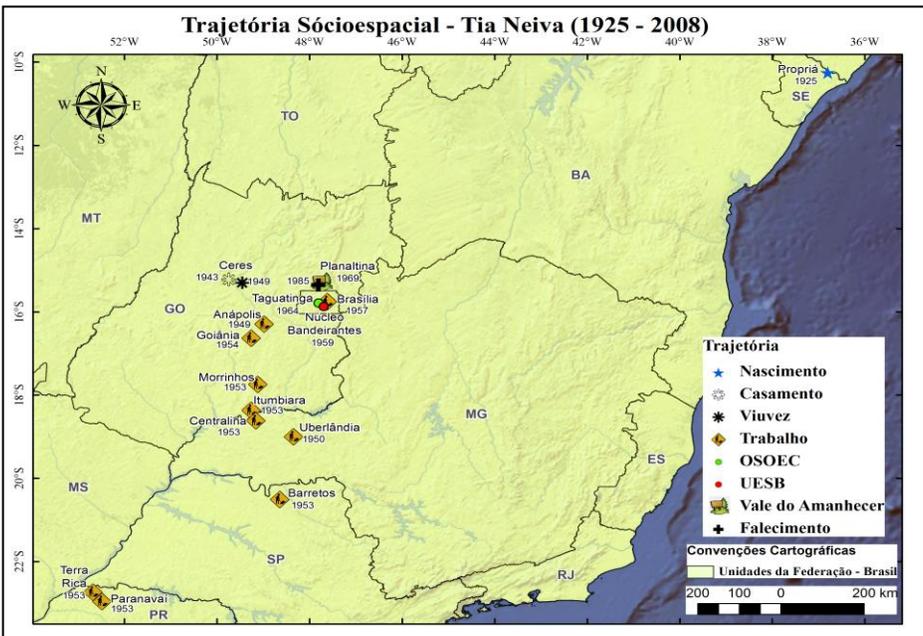


Figura 2: Trajetória socioespacial de Tia Neiva

Tia Neiva nasceu em Propriá-SE em outubro de 1925, em uma família católica. Razão pela qual se encontra evidências de uma postura de respeito mútuo entre representantes da igreja católica e o Vale do Amanhecer<sup>2</sup>. A família Chaves se mudou para Goiás e passou a morar na cidade de Jaraguá-GO nas proximidades de Ceres-GO. Em 1943, aos 18 anos, Tia Neiva se casa

<sup>2</sup> Na casa onde Tia Neiva morou, chamada casa grande, existe um cartão de natal do Papa João Paulo II onde ele reconhece que o trabalho espiritual realizado no templo do Vale do Amanhecer é algo positivo para a sociedade.

com Raul Alonso Zelaya, que foi um entusiasta das políticas de integração nacional, com quem ela teve quatro filhos.

Com a morte do marido, em 1949, Tia Neiva inicia uma jornada de vários trabalhos como fotógrafa, motorista de caminhão, costureira, entre outros. Nesses trabalhos demonstrou ser uma mulher forte e determinada em garantir o sustento de seus quatro filhos. A postura de Tia Neiva, como mulher, merece destaque devido às condições de atuação social das mulheres, na década de 1950.

Isto, pois, no referido período, muitos resultados do movimento feminista já apareciam, como o voto, por exemplo, mas não se pode dizer que era normal a atuação de uma mulher viúva na profissão de caminhoneira em um canteiro de obras predominantemente masculino. Além do enfrentamento social, ainda havia a repreensão da própria família em relação ao seu trabalho e ao seu dom espiritual, conforme ela mesma declarou em entrevista, sobre sua família “... não gostavam de ‘macumbeiros’ e nem de mulheres independentes”.

Tia Neiva passou por várias cidades a trabalho antes de se firmar em Planaltina-DF e construir sua obra espiritual. Em 1954 ela chega a Goiânia-GO onde trabalhou como motorista de transporte coletivo de passageiros entre a capital e o bairro Campinas. Em 1957, Bernardo Sayão, um dos pioneiros da construção de Brasília e amigo de Raul Zelaya, falecido marido de Tia Neiva, a convida para trabalhar na construção da nova capital. A partir de então ela começa a trabalhar em Brasília e no entorno.

Em Brasília trabalhou na Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP no transporte dos trabalhadores ditos ‘candangos’, e de materiais de construção. No mesmo ano de mudança para a capital Tia Neiva teve as mais intensas experiências de sua clarividência. Motivo pelo qual chegou a ser atendida por um psiquiatra que atendia os trabalhadores do canteiro de obras da nova capital.

Juntamente com Maria de Oliveira – Mãe Neném – funda a União Espiritualista Seta Branca (UESB) em 1959 no Núcleo Bandeirante – DF. As práticas realizadas no templo eram de auxílio espiritual e medicinal aos que necessitassem, e eram muitas as pessoas com problemas físicos e mentais oriundos do ambiente inóspito de trabalho na construção de Brasília.

Com o fim da UESB Tia Neiva cria em Abril de 1964 em Taguatinga-DF a Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOEC) que posteriormente é transferido para Planaltina-DF e se torna o Vale do Amanhecer.



**Figura 3:** Tia Neiva em sua casa no Vale do Amanhecer.

Fonte: acervo familiar - Reis (2008).

Tia Neiva permaneceu com os serviços sociais no Vale do Amanhecer atendendo as pessoas que buscavam por auxílio espiritual. Nos últimos anos de sua vida continuou sua missão espiritual mesmo com graves problemas de saúde que a levaram ao falecimento em 2008.

Durante toda a vida, Tia Neiva vivenciou ativamente o momento de conquista do Brasil Central. Quando a família mudou-se para Goiás já havia sido implantada a Colônia Agrícola Nacional de Goiás – CANG (1941) como parte das ações de integração do território brasileiro, a chamada Marcha para o Oeste do governo Vargas.

O que evidencia outro aspecto do movimento migratório da época. Além da dimensão política, o aspecto cultural que envolve o modo de vida das pessoas, a representação social dos lugares e os mitos que se criam a partir do processo de mudança. Existem inúmeras crenças e profecias a respeito do planalto central, a exemplo disso pode-se citar o sonho de Dom Bosco que atribui a Brasília uma simbologia mística.

A esfera espiritual que Tia Neiva ajudou a compor no entorno de Brasília, com marcos espaciais bem consolidados, reitera a identidade mística

do planalto central. Ao se analisar o contexto da criação das cidades dessa região em especial de Brasília, e a vida de Tia Neiva nota-se que existe uma intrínseca ligação entre vida e lugar. O Dom da clarividência de Tia Neiva encontrou um ambiente fecundo no planalto central.

### **A cidade Vale do Amanhecer**

Inicialmente torna-se necessário esclarecer que existem duas instâncias aqui referidas por ‘Vale do Amanhecer’: uma referente à cidade, criada em torno do templo; e a outra que nos remete à doutrina e/ou o conjunto de práticas religiosas. Para diferenciar essas duas realidades, optou-se pelo termo Cidade do Amanhecer para diferenciar a urbanização da religião.

O dom da clarividência<sup>3</sup> de Tia Neiva adquiriu maior visibilidade e interação social a partir da década de 1950 com o surgimento dos centros espirituais que criou. O primeiro foi a União Espiritualista Seta Branca (UESB) criada em 1959 com o apoio de Mãe Neném, e posteriormente a Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOEC).

As práticas realizadas nos centros espirituais eram de caridade e auxílio espiritual, na OSOEC, por exemplo, já foram abrigadas cerca de 40 crianças abandonadas. Nos centros espirituais sempre existiu a prática de caridade, o que significa que várias pessoas se alimentavam e moravam nestes locais, ou seja, já havia formação de comunidade.

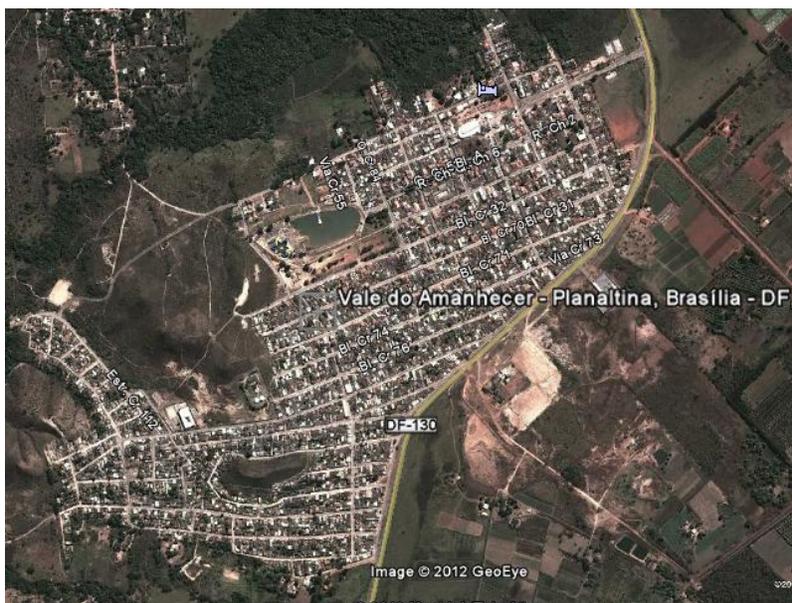
Essa vivência em comunidade influenciou a formação da Cidade do Amanhecer. O agrupamento de pessoas em função do atendimento espiritual, e do auxílio social levou a situações de moradia e conseqüentemente deu-se a urbanização. Atualmente circulam aproximadamente quatro mil pessoas em dias de trabalhos oficiais que ocorrem três vezes por semana. Este processo iniciou-se na UESB, no Núcleo Bandeirante, mas se consolidou em Planaltina-DF.

A Cidade do Amanhecer fica a aproximadamente 50 km de Brasília e o acesso se dá pela DF-130. Existem linhas de transporte público específicas para a cidade que percorrem este trajeto em, aproximadamente, uma hora. Essa proximidade com a capital e a relativa facilidade de acesso, implica relações de trabalho, lazer, estudos, etc. evidenciando a inclusão da cidade religiosa no contexto de Brasília e seu entorno.

---

<sup>3</sup> Dom de clarividência, segundo o recepcionista do templo Sr. João Nunes, é o dom de entrar em contato com seres que habitam outros planos espirituais, incluindo viagens metafísicas.

De acordo com a Secretaria de Estado e Desenvolvimento Urbano e Habitação (SEDUH), o Cidade do Amanhecer tem cerca de 40 mil habitantes numa área de 1.117 ha. (ver figura 4). De acordo com a secretaria, os habitantes são considerados de baixa renda.



**Figura 4:** Imagem da áreas urbana do Vale do Amanhecer.

Fonte: Google Earth 2012.

Esta área urbanizada ainda está em processo de regularização por parte do Governo do Distrito Federal, GDF. Para o governo, trata-se de uma área irregular, correspondente a área da antiga Fazenda Mestre D’armas que fora desapropriada em função da delimitação do quadrilátero do Distrito Federal. No entanto, Tia Neiva adquiriu o direito de uso dessas terras, fazendo doações aos que necessitavam de moradia.

Inserido nessa realidade, o Vale do Amanhecer apresenta divergências a respeito da posse e regularização dos lotes. Embora haja relatos de que os terrenos foram doados como forma de caridade, alguns moradores entrevistados informam que compraram os lotes por meio de “contratos de gaveta”. Como disse uma moradora questionada sobre a aquisição de sua casa “*Não, não foi doação! Meus pais compraram o lote, mas só tem documento simples só*”.

Diante dos fatos, entende-se que a criação do Vale do Amanhecer se insere em uma realidade já conflituosa em função do processo de desapropriação do quadrilátero do DF, anterior a formação do templo. Mas que também desenvolveu conflitos internos, uma vez que parte do terreno foi doado e outra parte vendido. Em síntese: a formação do território em questão é resultado de uma ocupação irregular comum ao entorno de Brasília, mas que se diferencia pelo cunho cultural e religioso de sua formação.

Na região, a Cidade do Amanhecer tem representatividade forte no que diz respeito ao lazer dos moradores dos arredores. Independente de serem seguidores ou não da doutrina, todos vêm as festas e atividades do Vale como oportunidade de lazer e convivência. Como relata um dos entrevistados *“Muitos vêm lá de cima pra participar das festas, ou então pra tomar um sorvete aqui, conversar um pouco. Os evangélicos mesmo adoram nossas festas.”*.



**Figura 5:** Portal de entrada do Vale do Amanhecer.

Fonte: fotografia da autora (2010).

A Cidade do Amanhecer e a Doutrina do Amanhecer são realidades que se confundem tanto na perspectiva de quem as vivencia quanto daqueles que se interessam por conhecê-las. Evidentemente que não se apresenta aqui a totalidade do Vale do Amanhecer; no entanto, os principais eventos que influenciaram sua atual formação espacial foram aqui ressaltados. Por meio destes eventos reconhecemos na figura de Tia Neiva e seus seguidores a condição de sujeitos do processo de ocupação de formação sócio-espacial do Vale do Amanhecer.

A formação da Cidade do Amanhecer e da Doutrina do Amanhecer têm a mesma origem: os primeiros centros espirituais que Tia Neiva criou. As práticas de caridade dos centros espirituais culminaram em um estilo de vida em comunidade, e a consequência disso foi o surgimento de uma cidade.

Na conjuntura do distrito federal e, não haveria como ser diferente, existem conflitos pela posse e regularização das terras. Mas a questão fundiária não é tão evidente no Vale do Amanhecer. O aspecto religioso - tanto da cidade quanto do templo - é o que predomina entre os que ali vivem.

Ainda assim, a política de ordenamento territorial, ou seja, os processos de desapropriação, regularização, ou ainda de expansão das terras impacta o uso do espaço interno que corresponde a cidade e ao templo, as territorialidades e consequentemente a caracterização do território constituído pelo Vale do Amanhecer.

### **A Cidade do Amanhecer e o Entorno de Brasília**

Em uma abordagem geográfica da Cidade do Amanhecer ressalta-se a importância de seu contexto de formação, ou seja, o processo de urbanização do DF intrinsecamente relacionado ao planejamento e construção de Brasília. Essa aproximação se torna evidente desde a trajetória de Tia Neiva, até a atual conjuntura de administração da Cidade do Amanhecer que se dá no contexto político das chamadas ‘cidades-satélites’.

Trata-se de uma urbanização diferenciada por surgir a partir de uma prática religiosa, mas que também está inserida em uma dinâmica de urbanização pré-existente que é a construção da capital federal e a formação das cidades-satélites.

Estas cidades já nasceram de processos conflituosos relacionados, principalmente, à falta de moradia para os trabalhadores migrantes que construíram a capital federal. Aqueles que não puderam então, habitar a cidade planejada, o fizeram nas áreas do entorno, às margens. No entanto, estas áreas, em maioria fazendas, já estavam sendo desapropriadas conforme determina o Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal. O objetivo, desde os primeiros estudos na região, foi desapropriar 100% das terras do quadrilátero do DF. (FORTES, et al. 2007)

Desse modo, tem-se o cenário ideal para o surgimento de ocupações ditas irregulares, desiguais e excludentes, tanto do ponto de vista cultural, de pertencimento, quanto do socioeconômico que envolve condições de emprego saneamento, meios culturais, etc. No caso do DF, nota-se que as condições

impostas pelo planejamento ocasionaram irregularidades, das quais este mesmo modelo de controle da ocupação do solo tenta sanar.

A situação descrita acima ilustra como a dinâmica social pode ser ignorada pelo planejamento. Trata-se de um planejamento que tende a privilegiar a técnica e o controle, em detrimento das dinâmicas sociais, neste caso, representada pela ocupação já existente no quadrilátero e pelos migrantes.

O surgimento de Planaltina-DF é anterior à construção de Brasília, data do séc. XVIII. Ainda assim faz parte desta realidade, pois, desde que foi inserida no DF perdeu autonomia política de município e passa então a compor o conjunto de cidades-satélites. De um modo geral, é alvo das mesmas políticas públicas assim como do mesmo reconhecimento cultural das cidades do entorno.

O GDF classifica o entorno de Brasília como Áreas de *Parcelamentos Urbanos Informais*, entre elas o *Setor Habitacional Vale do Amanhecer* onde se localiza a Cidade do Amanhecer. Por trás desta nomenclatura que remete à situação irregular, existem vários processos políticos, que neste caso se misturam aos religiosos.

O terreno da Cidade do Amanhecer é considerado informal por fazer parte das terras desapropriadas da APA São Bartolomeu (SEDUH,2006). Essa situação de irregularidade foi criada pelas ações do planejamento, e atualmente o mesmo planejamento tenta resolver a situação de irregularidade por meio de projetos de regularização de terras no DF.

Tem-se então um dos indícios do modelo de planejamento característico do DF: conflitos de terras gerados por políticas públicas de um planejamento focado no controle da ocupação. Esse enfoque é centrado no controle, ou seja, na racionalidade, e desta perspectiva o processo de ocupação e apropriação do solo urbano torna-se uma *irracionalidade* (VILLAÇA, 1999) a ser combatida pelo planejamento de base técnica, científica e ideológica.

Fundamentada nesse tipo de planejamento, Brasília apresenta uma paisagem urbana reveladora de um ideal de modernidade pensado por atores hegemônicos. E isso pode ser observado pelos símbolos ideológicos e culturais presentes na capital. Mas os desdobramentos oriundos da construção de Brasília extrapolaram o planejamento. No plano piloto há predominância de símbolos da modernidade e do catolicismo que se pode observar, por exemplo, na arquitetura da catedral metropolitana. Entretanto, no entorno encontra-se outras simbologias, outras lógicas de ocupação.

O contraponto entre os símbolos da cidade planejada, tida como central e das que se formaram no entorno revelam contradições deste modelo de planejamento. Ora, se o surgimento das cidades-satélites foi uma consequência

do tipo de planejamento implementado no DF, pode-se dizer que as práticas que objetivam controlar e normatizar a ocupação das cidades são as mesmas que proporcionam realidades tão diferentes.

Embora sejam consideradas, pela Constituição Federal, como uma só unidade da federação, Brasília e cidades-satélites apresentam fortes discrepâncias socioeconômicas. Os índices de criminalidade, desemprego e saúde se contrapõem a alta circulação de renda da capital, o que reforça a ideia de marginalização predominante no entorno de Brasília e DF. Os índices de homicídio no entorno, por exemplo, ficam entre os mais altos do país, de 29 a 107 homicídios em cada 100.000 habitantes (WAISELFISZ, 2008).

Embora sejam dados importantes para mostrar parte da realidade, não é suficiente para caracterizar as cidades-satélites como é comum ocorrer. Do ponto de vista das relações culturais, que também se vinculam as econômicas e políticas, pode-se conferir às cidades-satélites, cenários contrários à ideia de marginalidade. Essas cidades podem apresentar centralidades alheias ao modelo hegemônico na região do DF por apresentarem dinâmicas de ocupação diferentes.

As discrepâncias entre Brasília e cidades-satélites atingem outros níveis, além dos índices de violência e que impactam diretamente no processo de urbanização. Neste sentido a Cidade do Amanhecer representa um forte indício de como as práticas culturais influenciam o processo de urbanização, razão pela qual se pode inferir que o planejamento urbano deve ser mais efetivo e ajustável às dinâmicas culturais, nas quais também se inserem as práticas religiosas. Porém, o planejamento urbano tem negligenciado o fator cultural em detrimento das técnicas, conforme aponta Silva (2009),

O processo de planejar apoia-se num conjunto de técnicas e de instrumentos normativos de natureza interdisciplinar que regula o uso do solo urbano e traça linhas norteadoras do crescimento da cidade. O pecado maior do planejamento foi o de não considerar, de forma mais incisiva, a ação dos atores envolvidos no processo. (SILVA, 2009 p.77)

É evidente que o modelo de planejamento urbano no Brasil não obteve sucesso no controle da urbanização, já que as variáveis que influenciam este processo fogem as técnicas, traçados e funções. Trata-se das migrações, do modo de vida, das práticas religiosas, etc. fatores diretamente relacionados à configuração do espaço urbano, mas alheios às condições do planejamento atual.

O caráter técnico e controlador adotado pelo planejamento podem ser percebidos por meio dos símbolos do urbano. Nos centros das cidades

encontram-se os signos do poder político e da religião católica, como se passassem a mensagem de que estado e igreja católica controlam os usos do espaço urbano.

Mas o poder do estado não controla totalmente a ocupação da cidade, tão pouco o catolicismo representa a fé da população. No DF, Brasília é a ilha da cidade ideal cercada pela ocupação desordenada e por um crescente número de comunidades religiosas que, de acordo com Siqueira (2002), não se vinculam a nenhuma instituição. Existe uma transição da incorporação e uso do termo religião para religiosidade, o que demonstra que o sentimento e as práticas de fé que não institucionalizadas e tão pouco representadas nos símbolos urbanos estão em ascensão.

O estudo de Siqueira, op. cit. revelou mais de 15 comunidades religiosas em Brasília e no entorno. Do ponto de vista administrativo, esta ocupação é irregular, como no caso do *Setor Habitacional Vale do Amanhecer* mencionado anteriormente. Neste fato consiste mais uma das contradições do planejamento da capital, pois se utilizou, em um primeiro momento, do imaginário coletivo, evocando o Sonho de Dom Bosco que versa sobre a terra prometida, mas sem considerar os movimentos migratórios causados pelo imaginário do sagrado que hoje são entendidos como ‘ocupação irregular’.

A Cidade do Amanhecer surge em um contexto de urbanização planejada, mas se consolidou na ‘contramão’ dos padrões do planejamento, tanto as políticas quanto as culturais. Aqui as duas influências são representadas pela ideia de planejamento urbano e pelos símbolos católicos, ambos predominantes, não só no DF, mas em todo Brasil.

O planejamento urbano brasileiro é, antes de tudo, um discurso do poder hegemônico, seja ele apropriado pela esquerda ou direita. Estudos e planos como os realizados na área do DF para a construção de Brasília, não puderam prever, ou ao menos considerar, a formação das cidades-satélites e tão pouco uma cidade criada a partir de uma religião alternativa.

Este tipo de formação urbana, considerada informal, dificilmente é relatada pelos estudos de planejamento urbano. Conforme reitera Maricato (2000, p.122) a cidade informal não cabe nas categorias do planejamento modernista/funcionalista, nem no mercado imobiliário formal e tão pouco pelo IBGE, sequer aparecem nos mapeamentos.

O mapeamento da Cidade do Amanhecer, por exemplo, só aparece em um plano de regularização de áreas informais, citado anteriormente. Já no mapeamento oficial do zoneamento de Planaltina-DF não se encontra representação Vale do Amanhecer.

Neste sentido, entende-se que não há como dissociar os aspectos políticos dos culturais envolvidos na formação do espaço urbano do entorno de Brasília. E tais aspectos são percebidos por meio dos símbolos e representações da cidade que, como já mencionado, é predominantemente católica no que tange a religião.

### **Território e Territorialidade – Dimensão Simbólica**

As dimensões do território religioso apresentadas até aqui, envolveram aspectos do espaço, política, e história do Vale do Amanhecer. A relação intrínseca destes aspectos está também associada à dimensão simbólica e cultural. Conforme afirma Haesbaert (2004), essa integração faz parte da perspectiva geográfica,

Território é visto por muitos numa perspectiva política ou mesmo cultural [...] numa perspectiva geográfica, intrinsecamente integradora, vê a territorialização como o processo de domínio (político econômico) e/ou apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos. (HAESBAERT, 2004, p.16)

O caráter simbólico-cultural é o que caracteriza o território do Vale do Amanhecer como religioso. Os processos de domínio e ocupação, próprios da formação territorial, sendo predominantemente simbólico-cultural ou político-econômico, modificam o espaço. Na formação dos territórios religiosos os processos são os mesmos, porém tem a religião como principal agente da configuração territorial.

Antes de compreender o conceito de território e territorialidade pela perspectiva da religião, e da religiosidade (portanto do simbólico-cultural), torna-se necessário adotar parâmetros gerais de conceituação territorial no âmbito da Geografia. Entende-se por território uma porção do espaço apropriada e/ou usada por um grupo humano que utilizam práticas que garantam a sobrevivência nesta dada porção do espaço.

Estas práticas correspondem às territorialidades, e podem ser predominantemente de ordem econômica, política ou cultural. Para a formação do território religioso, o aspecto simbólico e cultural é mais representativo. No território religioso, as territorialidades são relacionadas ao sagrado e sobre elas, Rosendahl (2005) afirma que se tratar de um

[...] conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo. (ROSENDAHL, 2005, p.204)

Alguns elementos da Cidade do Amanhecer podem representar as territorialidades que legitimam e mantém o território por meio da identidade religiosa das pessoas, e são elas: símbolos na paisagem, a organização espacial interna e a administração do templo e da cidade.

Em primeira instância é perceptível na paisagem visual, os símbolos do sagrado que estão por toda parte. Nas casas mais próximas ao templo existem placas com numeração e os símbolos do Vale do Amanhecer. Além disso, as pessoas estão constantemente transitando nas ruas com as vestimentas específicas dos rituais religiosos.



**Figura 6:** Aspectos da paisagem da Cidade do Amanhecer.  
Fonte: fotografia da autora (2012).

Outro elemento possível de ser observado pela paisagem é a presença de elementos da natureza ou construções apropriadas e ressignificadas de forma sagrada. São os geossímbolos que no dizer de Bonnemaïson (2003),

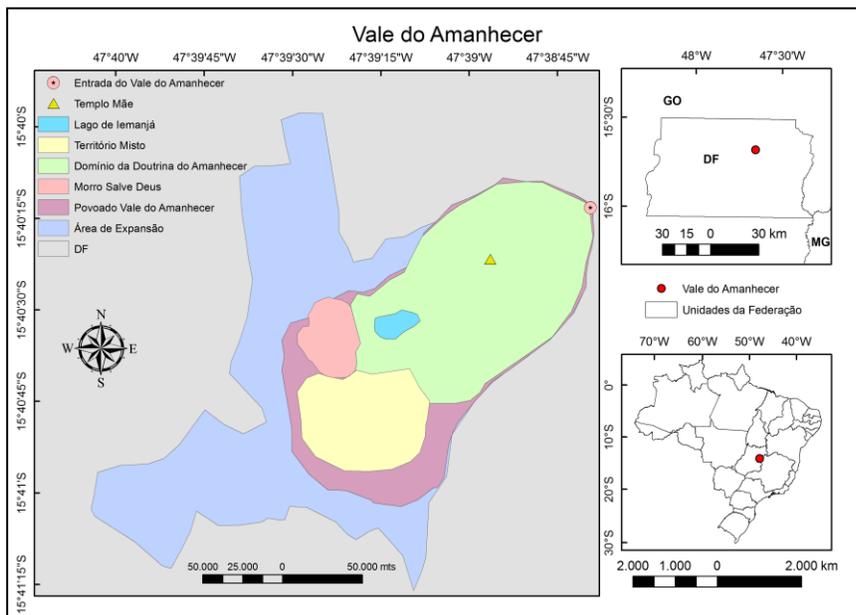
[...] pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade. (BONNEMAISON, J. p. 109, 2003)

Os geossímbolos encontrados na Cidade do Amanhecer são o morro salve deus, o templo-mãe e o lago de Yemanjá (figura 7). Estes elementos adquiriram representatividade sagrada para as pessoas, e, além disso, são

marcos espaciais norteadores da organização interna do território conforme representado no mapa (figura 8).



**Figura 7:** Morro Salve Deus, Templo-Mãe, Lago de Yemanjá.  
Fonte: fotografias da autora (2012).



**Figura 8:** As formas de ocupação do Vale do Amanhecer.

As entrevistas realizadas em campo revelaram que à medida que se afasta desses geossímbolos as formas de ocupação e de territorialização muda. Na cidade do Amanhecer predominam os moradores que seguem a doutrina nas proximidades do templo mãe, na área de expansão nota-se a presença de seguidores de outras religiões, tendo inclusive igrejas evangélicas e católicas. Em entrevista, uma moradora afirma que “... *dessas casas aqui perto, é tudo dos seguidores da doutrina. Agora, pra cima do morro já é mais misturado...*”. O que demonstra que os seguidores da doutrina se mantêm nas proximidades do templo-mãe, e reafirmam uma identidade a partir disso.

De acordo com os seguidores da Doutrina do Amanhecer, não há conflitos na convivência com pessoas de outras religiões. No entanto, existe uma necessidade, por parte dos seguidores da Doutrina do Amanhecer, de reafirmar que os que estão ali próximos ao templo-mãe são seguidores da doutrina, já os demais religiosos estão em um local mais afastado, na parte de expansão do povoado Vale do Amanhecer.

As residências que se localizam nas proximidades do templo são predominantemente de adeptos da doutrina do amanhecer. Conforme se afasta do templo, a diversidade, do ponto de vista da religião, aumenta, e, para além do Morro Salve Deus, já foge ao domínio religioso e assim representa outros tipos de ocupação.

Desse modo, representou-se no mapa, em roxo, o que se denominou como Cidade do Amanhecer. É um espaço onde se localizam a maior parte das casas de seguidores da Doutrina do Amanhecer e os principais símbolos religiosos. Por esse motivo entende-se que é um território de domínio fortemente religioso. Nesta porção do território há a figura do Sr. Raul Zelaya, filho de Tia Neiva, que cumpre de forma mais direta as funções administrativas mesmo existindo um administrador responsável pelo Vale do Amanhecer dentro da estrutura administrativa de Planaltina.

O território misto corresponde à parte onde se encontram, com maior facilidade, pessoas que não seguem a Doutrina do Amanhecer. Nessa área encontram-se também, conforme relatos dos moradores, igrejas protestantes e católicas, além dos bares com comércio de bebida alcoólica. Mesmo que o Vale do Amanhecer não imponha uma territorialidade ligada à posse e sim ao pertencimento das pessoas, fica evidente que os que não seguem os preceitos religiosos da Doutrina do Amanhecer acabam por se localizar com maior distância dos principais símbolos religiosos.

A porção do território denominada como área de expansão foi delimitada conforme os dados do GDF. Trata-se de uma área com algumas chácaras, casas e até mesmo comércio. Por estar sendo formada recentemente, ainda não está clara qual a relação desta ocupação com o vale do Amanhecer.

No entanto pode-se inferir que não existe uma relação próxima com o Vale do Amanhecer, uma vez que constatamos que o domínio territorial vai se dissipando conforme se distancia do tempo e dos demais símbolos religiosos.

Após analisar as formas de ocupação do território e consequentemente conhecer as formas de territorialidades ali presentes, pode-se afirmar que o caráter simbólico-cultural predomina. Isto se revela por meio do discurso daqueles que ali moram e/ou vivenciam parte de sua história, seja pela observação da forma que o território adquiriu ao longo do tempo.

A Cidade do Amanhecer constitui no entorno de Brasília um território diferenciado. É resultado do modo de vida, da fé e da identidade das pessoas, e por isso se diferencia da cidade ideal, aquela planejada para ser, sobretudo, símbolo do moderno. Por esse motivo a dimensão simbólica adquire aqui, papel central tanto na gênese quanto na reafirmação cotidiana do território religioso.

Este domínio religioso é atribuído pelo modo com o qual as pessoas se relacionam com o lugar, é diferente do que se pode observar em outras cidades do entorno. Em outras palavras, encontra-se na cidade do Amanhecer uma territorialidade distinta das demais cidades-satélites.

## **Considerações Finais**

O desenvolvimento deste trabalho se deu a partir de inspirações e questionamentos sobre o Planejamento Urbano e a Geografia Cultural. O interesse pelas duas temáticas ocorreu na mesma proporção em que as nuances da cultura apareciam no urbano. Mas o planejamento das cidades raramente leva em consideração aspectos da dimensão cultural.

O Vale do Amanhecer se tornou o estudo de caso ideal para entender como se dá a relação entre cultura e planejamento. Durante a pesquisa ficou clara a relevância de uma abordagem geográfica das interações espaciais oriundas da religião.

O território é uma categoria interessante para embasar teoricamente, e direcionar os trabalhos empíricos de estudos de fenômenos espaciais oriundos de práticas religiosas. A Cidade do Amanhecer é um exemplo de apropriação do espaço por um grupo humano cujas práticas sociais, são utilizadas para caracterizá-lo e mantê-lo. É o que faz do espaço apropriado um território.

Compreender a totalidade desta cidade é algo proporcionado pela abordagem geográfica. Evidentemente não se esgota neste estudo as várias dimensões do território do Vale do Amanhecer, no entanto compreende-se que existe uma totalidade na qual suas dimensões, estão diretamente relacionadas.

Essa visão, que podemos chamar de integradora, tem muito a contribuir para o planejamento urbano.

Durante a pesquisa evidenciaram-se conflitos de ocupação do solo urbano, tanto pelo processo de formação próprio da Cidade do Amanhecer, quanto por desapropriações pré-existentes à chegada de Tia Neiva no lugar. O que nos leva a conclusão de que este modelo de planejamento de caráter técnico, predominante no Brasil, cria situações de irregularidade, as quais justificam suas práticas.

Para além deste contexto do planejamento, mas também relacionado a ele, há que se considerar a importância de se expandir os estudos geográficos sobre religião, para além do catolicismo. Há no Brasil, uma crescente tendência à religiosidade em detrimento da religião, ou seja, a reafirmação do subjetivo em detrimento da institucionalização, e isso não deve escapar à análise geográfica.

Estas questões culturais relatadas implicam em práticas que funcionam como agentes que compõem o espaço seja por meio das romarias católicas, da formação das cidades santuário seja pela própria territorialização do urbano. É nesse aspecto que a dimensão cultural, aqui representada pela religiosidade, adquire importância no processo de ocupação do solo urbano, e conseqüentemente no planejamento urbano.

## Referências

BONNEMAISON, J. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CIRQUEIRA, D. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LABARRERE, V. S. **O vocabulário da doutrina religiosa do Vale do Amanhecer como índice de crioulização cultural**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2006.

LOPES, P.F.B. **Estudando um subcampo intelectual acadêmico: a geografia da religião no Brasil - 1989 - 2009**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

MARICATO, E. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias – planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, O; VAINER, C; MARICATO, E. **Cidade do Pensamento**. Petrópolis: Vozes, 2000. p 121 – 192.

REIS, M. R. **Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925 – 2008)**. Tese (Doutorado em História) Universidade de Brasília, 2008.

ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

ROSENDAHL, Z. Geografia e Religião: uma proposta. In: **Espaço e Cultura**, 1995. pp.45 – 74 disponível em < <http://www.nepec.com.br/4Zeny.pdf>> acesso em 16/06/2012 às 17:40.

ROSENDAHL, Z. **O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades**. In: Hierópolis: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SILVA, J.B Cidade Móvel: o planejamento urbano em questão. In: ALMEIDA, M.G; CRUZ, B.N (orgs) **Território e Cultura – Inclusão e Exclusão nas dinâmicas socioespaciais**. Goiânia: UFG, FUNAPE, 2009.

SOUZA, M.L. **Mudar a cidade – uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da violência dos municípios brasileiros**. Brasília: Ideal gráfica e Editora, 2008.

---

Muryel Moraes Arantes

Mestranda em Geografia pela Universidade de Brasília.

Endereço Postal: Campus Universitário Darcy Ribeiro | Universidade de Brasília- UnB |

Departamento de Geografia - GEA - ICC Norte CEP 70910-900 Brasília – DF

E-mail: muryel.arantes@gmail.com

---

Recebido para publicação em setembro de 2013

Aprovado para publicação em janeiro de 2014